

Graça Freitas: "Quarta dose pode ser antecipada se houver motivo"

COVID-19 Diretora-geral da Saúde admitiu ontem que as pessoas com mais de 80 anos poderão receber a quarta dose da vacina contra a covid antes do que tinha sido anunciado por Marta Temido, se os casos aumentarem antes da vaga esperada para o período de inverno. Graça Freitas participou na 10.^a Conferência Sustentabilidade em Saúde, que decorreu no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, onde fez o encerramento.

TEXTO FÁTIMA FERRÃO

ADGS está disponível para pedir alteração à tutela se houver motivo para isso". As palavras são de Graça Freitas à entrada da 10.^a Conferência Sustentabilidade em Saúde, que decorreu ontem no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. A diretora-Geral da Saúde falava aos jornalistas depois do anúncio feito na segunda-feira por Marta Temido, que avançara a previsão de dar a quarta dose aos mais idosos a partir do final do mês de agosto. "Previsivelmente vamos ter uma vaga no inverno e é para atuar nessa vaga que queremos dar a quarta dose", disse, explicando ainda que esta toma não pode ser muito distante desse período. A decisão será tomada mediante a necessidade", acrescentou.

A diretora-Geral da Saúde marcou presença na conferência anual da AbbVie, a que o DN e a TSF se associaram, tendo feito o discurso de encerramento, no qual fez um breve balanço dos dois anos de abordagem à pandemia. Graça Freitas apontou os momentos-chave e a estratégia seguida, destacando também a importância do conhecimento acumulado em toda a investigação que foi feita neste período, em Portugal e a nível internacional. "A rapidez da ciência foi muito importante em vários momentos, como, por exemplo, na identificação da possibilidade de agravamento dos sintomas covid ao sétimo dia de infeção". Hoje, reforçou, a saúde está no topo da gestão, apesar de haver muito a melhorar. "A pandemia gerou grandes oportunidades de inovação e de investigação que agora temos de aproveitar", concluiu.

Preocupados com a saúde mental

No arranque da 10.^a Conferência Sustentabilidade em Saúde, houve lugar à apresentação da edição anual do Índice de Saúde Sustentável, desenvolvido pela Nova Information Management School (Nova IMS). Este revelou conclusões interessantes, depois debatidas. A juntar aos dados evolutivos do índice, que demonstra, em 2021, alguma recuperação em re-



Graça Freitas encerrou a 10.^a Conferência Sustentabilidade em Saúde, no CCB.

lação a 2020 – cresce dos 83,9 para os 92,5 pontos, numa base de 100 –, Pedro Simões Coelho, diretor da Nova IMS e um dos autores do estudo, destacou outras conclusões que considerou "curiosas". Entre estas, o facto de os portugueses colocarem as doenças relacionadas com a saúde mental no top-3 das doenças mais importantes no futuro (25%), logo atrás das doenças oncológicas (62,8%) e das cardiovasculares (26,1%). Para o professor e investigador, este é um dado surpreendente que, mesmo sem base científica que o comprove, acredita ser fruto da pandemia. Em edições anteriores do índice, estas doenças, quando mencionadas, não tinham grande expressão.

Por outro lado, as doenças infecciosas, que somam 5,2%, surgem apenas na oitava posição, entre dez opções.

Já no debate, em que Pedro Simões Coelho partilhou o palco com Óscar Gaspar, presidente da Associação Portuguesa de Hospitalização Privada, e Hélder Mota Filipe, bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, o foco da conversa assentou em questões como o financiamento e a reorganização do Serviço Nacional de Saúde (SNS), na aposta na prevenção – que todos os participantes consideraram prioritária e urgente – e no reforço da investigação, que, nas palavras de Óscar Gaspar, "têm sido os

parentes pobres do SNS".

A inovação e o futuro da saúde foi tema para uma segunda conversa, que reuniu especialistas de diferentes vertentes da saúde, e que abordou questões como o acesso a medicamentos e terapias inovadoras, a importância da investigação clínica e dos ensaios clínicos.

Rui Ivo, presidente do Infarmed; João Almeida Lopes, presidente da Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (APIFARMA); Catarina Resende Oliveira, presidente da direção da Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica; Helena Pereira, presidente da Fundação Ciência e Tecnologia; Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH); e Jaime Melancia, presidente de mesa da assembleia geral da EUPATI Portugal.

Apesar das diferentes perspetivas, concordaram que Portugal precisa de investir mais em investigação e desenvolvimento, e que deve olhar a inovação como um investimento e não um custo. Isto através de políticas de incentivo, e aproveitando as oportunidades certas (como o PRR) é possível criar condições para reforçar a realização de investigação em saúde, com benefícios claros para o doente, mas também para o processo científico e a economia em Portugal.